

Crise política pode comprometer acerto

por Mara Luquet
de São Paulo

Richard Huber, "vice chairman" do Continental Bank, gostaria imensamente, como ele próprio diz, de confiar no acordo do governo brasileiro com os bancos credores sobre a renegociação da dívida externa. Este não é o caso, contudo. Huber teme pelo destino da renegociação da dívida externa após a crise política em que se meteu o País.

"Um presidente agindo em desespero pode desequilibrar todos os avanços da atual equipe econômica", avalia este banqueiro que está prestes a desembolsar algo entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões para fazer investimentos em empresas do setor produtivo do País. Richard Huber está no Brasil — esta é a sua segunda visita este ano — para os acertos finais de investimentos que o banco pretende fazer em cinco empresas dos setores químico, agropecuária, plástico e de alimentação.

A crise política cria um empecilho, porém: "Como justificar ao 'board' do Continental que estamos investindo no Brasil?", questiona Huber. "O País", complementa, "voltou a ter presença nos principais jornais do exterior de uma forma desagradável, envolvido em escândalos e é sobre isso que os executivos do 'board' estão lendo".

Não há conflitos entre os bancos credores e a equipe de renegociação do governo brasileiro, garante Huber. O que falta, na opinião



Richard Huber

do vice "chairman" do Continental, é apoio político à equipe. "Os bancos não sabem nem mesmo se os negociadores serão os mesmos no dia seguinte. Do ponto-de-vista dos credores, Huber diz que os bancos estão cansados e querem resolver logo aquele que é o último problema da dívida para a América Latina: o caso brasileiro. "O temor é do lado brasileiro, com quem se vai tratar esta renegociação", reforça.

O projeto de adquirir participações em empresas do setor produtivo do País pode sobreviver à incerteza política, mas é certo que o ritmo de investimentos será mais lento, admite o banqueiro. As linhas voluntárias comerciais que o banco mantém para o Brasil no financiamento ao comércio exterior já sofreram um impacto político. O banco tinha planos para aumentar o atual volume de US\$ 120 milhões, mas optou por esperar pelo desfecho da crise brasileira.

Opção por "merchant bank"

por Mara Luquet
de São Paulo

O Continental Bank acumulou um volume de US\$ 1 bilhão em investimentos na América Latina, sendo que desse total US\$ 140 milhões representam ações de empresas cotadas em bolsa. No Chile, país que deu melhor rentabilidade ao banco, o Continental Bank teve um lucro no ano passado de US\$ 70 milhões por conta dos investimentos que fez naquele país.

No Brasil, o Continental tem uma participação na Embraer e na Perdigão. A estratégia do banco é converter seus créditos com o Brasil em investimentos, a exemplo do que vem fazendo em outros

países da América Latina. O banco tem um volume de US\$ 2,2 bilhões de créditos na América Latina. "Fizemos uma opção por ser um merchant bank", diz o vice chairman do banco, Richard Huber.

O financiamento ao comércio exterior, com linhas voluntárias ao País, é a única operação comercial que o banco pretende dar ênfase.

Segundo Huber, o banco não traz nenhum valor agregado concorrendo como um banco comercial. "Não temos vantagem competitiva", diz. No segmento de merchant bank o banco exibe uma tecnologia atraente e é um dos raros bancos desse setor nos Estados Unidos.

Huber morou no Brasil por dez anos, de 1967 a 1977, e no seu português fluente justifica a opção de investir no Brasil. "Estamos tomando muito cuidado, e comprando ativos muito baratos". O banqueiro explica que os preços atuais de mercado estão baixos e quem tiver coragem, pode fazer um investimento rentável.

Foi assim em outros países da América Latina em que o banco optou por converter sua dívida em investimentos, segundo Huber.

Os projetos de investimentos no mercado de capitais também foram inter-

rompidos. O banco, que no início do ano chegou a ter 15% dos seus ganhos no Brasil representados por negócios no mercado de capitais, deixou de investir nas bolsas brasileiras. O volume de sua carteira atingiu US\$ 50 milhões no primeiro semestre, mas atualmente a posição em bolsa foi zerada.

O Continental Bank, segundo Huber, está entre os vinte maiores bancos americanos em ativos e entre os dez maiores em lucratividade.

O banco é credor do Brasil e tem um "exposur" (risco) de US\$ 650 milhões.